



## A organização do espaço sob o olhar das ruralidades: São João do Polêsine, RS

Michele Lindner\*

**Resumo:** Este artigo tem como foco a forte ligação entre o rural e o urbano de pequenos municípios, que acaba por influenciar diretamente toda a organização espacial destes locais. Dessa forma, apresenta-se um instrumento de análise visando identificar a manifestação das ruralidades na configuração espacial de pequenos municípios, através da análise da dinâmica espacial, social e cultural desses locais. Para tal análise se propõe a investigação a partir de quatro categorias: o processo de crescimento e as funções urbanas; a “dimensão” do rural; os modos de vida e as percepções locais; e as tradições e símbolos do rural. Como forma, de exemplificação da utilização das categorias de análise, é apresentado um estudo realizado no município de São João do Polêsine - RS.

\* Doutora em Geografia pela Universidade Estadual Paulista / UNESP- Rio Claro, Bolsista PDJ – CNPq, Departamento de Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

## Spatial organization in the view of ruralities: São João do Polêsine, RS

**Abstract:** This article focuses on the close connection between the rural and the urbane in small municipalities, which influences directly in all spatial organization of those places. Thus, it is an instrument of analysis which aims at identifying the manifestation of ruralities in the spatial configuration of small municipalities, through the analysis of spatial, social and cultural dynamics of those places. To such analysis it is proposed an investigation through four categories: the process of growth and the urbane functions; the rural “dimension”; the ways of living and the local perceptiveness; and the traditions and symbols of the rural. As a way of exemplifying the employment of categories of analysis it is presented a research made at the municipality of São João do Polêsine – RS.

**Palavras-chave:** Rural, urbano, pequenas cidades, ruralidades, organização do espaço.

**Key-words:** Rural, urbane, small cities, raralities, spatial organization

## Introdução

A organização espacial está diretamente ligada aos modos de vida dos que habitam o espaço. O espaço é organizado de acordo com as necessidades, vontades e possibilidades de uma determinada sociedade. Nesse sentido, pensar como um espaço se organiza requer buscar entender toda a dinâmica de seus habitantes, suas vivências, sua cultura e suas formas de pensar o seu lugar.

As pesquisas envolvendo o espaço na geografia abordam as mais variadas temáticas, envolvendo uma gama grande de estudos e reflexões de pesquisadores de diversas áreas da ciência geográfica. Ao longo da história do pensamento geográfico, diversas foram suas representações. Por vezes visto como um espaço natural ou um palco onde a vida humana se desenvolvia, o espaço, representou algo absoluto, fixo e imutável. Em outros momentos visto como o resultado das ações e processos da história e cotidiano das sociedades, um espaço relativo ou relacional, em constante construção e movimento, mutável de acordo com as transformações e relações dos elementos nele contidos.

O espaço geográfico visto sob a ótica das ruralidades representa a construção constante das relações materiais e imateriais dos modos de vida do mundo rural. Esses modos de vida constantemente relacionados a simplicidade, tranquilidade e ao trabalho em contato com a natureza, embora na atualidade sob influências das tecnologias e do maior acesso as informações, ainda carregam fortes resquícios de um “mundo rural tradicional”.

O rural, que chegou a ter seu fim anunciado no passado, há algumas décadas passa novamente a chamar a atenção de órgãos governamentais e de estudiosos dos problemas sociais. Esse interesse deve-se as transformações ocorridas no rural após a modernização do seu sistema produtivo, as quais proporcionaram uma configuração mais diversificada a esse espaço.

A diversificação das atividades fez com que o rural deixasse de ser tido apenas como um espaço agrícola, e seus habitantes como agricultores. Isto é fruto da mudança do sistema produtivo que liberou mão-de-obra no campo, acelerando a necessidade de se buscar novas alternativas de renda, visando garantir a reprodução socioeconômica de seus habitantes, numa busca de adaptação à nova realidade.

Destaca-se assim, que as concepções tradicionais que se referem ao rural como o local do atraso e da rusticidade e do urbano como o lugar do progresso e da modernidade, não podem ser tidas como representações absolutas desses espaços. Rua (2006), ressalta que o rural está integrado as transformações do momento atual de (re)organização do espaço pelo capitalismo, ele permanece como tal, mas recriando e integrando novas lógicas.

A lógica capitalista fez com que o rural integrasse diversos elementos tidos como urbanos, principalmente no que se refere ao acesso as comunicações e bens materiais que proporcionam mais facilidades e conforto a vida cotidiana. Nesse sentido, Wanderley (2000, p.128), busca salientar que:

A modernização da sociedade nos espaços locais/rurais tem como fundamento a crescente “paridade social”, isto é, a similitude entre as condições de vida das populações que vivem nas cidades e no meio rural e a também crescente disponibilidade, no meio rural, daquilo que ainda é definido como o padrão de “conforto urbano”.

Porém, isso não significa o fim do rural ou a fusão desses dois espaços, representa apenas a integração inevitável desse espaço ao momento atual, no qual o acesso à informação é quase instantâneo e as necessidades de consumo são cada vez maiores. Mesmo com a expansão física de características urbanas no espaço rural, não é possível dizer que este “urbaniza-se”, pois ainda que englobando características do modo de vida dito urbano, ele ainda conserva características peculiares a vida e os costumes rurais. “Rural e urbano fundem-se mas sem se tornarem a mesma coisa, já que preservam suas especificidades” (RUA, 2006, p.86).

Nesse sentido, fica clara a colocação de Rúa (2006), que o rural distingue-se cada vez mais do agrícola, como também a cidade do urbano. As especificidades do rural, muitas vezes também podem ser percebidas em pequenas cidades ou vilarejos. Nesses locais existe uma grande carga cultural, que pode ser traduzida através do apego as tradições, muito evidenciadas nas relações sociais da população, sua religiosidade, festividades, gastronomia e economia. Esse conjunto de fatores representa a identidade social da comunidade, a qual reproduz o modo de vida do campo na cidade, ou seja, as ruralidades, que representam na concepção de Moreira e Gaviria (2002), a articulação entre as noções de rural e de identidade social.

Baseada nessas questões que envolvem todo o contexto da organização espacial de pequenas localidades é que se identificam as influências do rural sob o urbano. Nesse sentido, o presente estudo busca apresentar um instrumento de análise visando identificar a manifestação das ruralidades na configuração espacial de pequenos municípios, através da análise da dinâmica espacial, social e cultural desses locais. Para tal análise se propôs a investigação a partir de quatro categorias: o processo de crescimento e as funções urbanas; a “dimensão” do rural; os modos de vida e as percepções locais; e as tradições e símbolos do rural.

Dessa forma, o presente artigo, apresenta a utilização destas quatro categorias de análise em um estudo realizado no município de São João do Polêsine, Rio Grande do Sul. E com base nessa análise da dinâmica espacial, social e cultural do município de São João do Polêsine, é possível perceber de que forma as ruralidades atuam na organização espacial desta cidade, ou seja, de que forma se dá a relação entre suas áreas rurais e urbanas.

## **As Ruralidades e as “Novas Ruralidades”**

Nos últimos tempos a temática das ruralidades tem cada vez mais chamado a atenção de estudiosos dos problemas rurais. Muito em voga, as “novas ruralidades”, tem representado tema central de diversos estudos, que visam mostrar alternativas de combate a pobreza no campo e novas perspectivas de geração de renda.

Porém, chama-se a atenção para que diversos estudos ao abordar o tema ruralidades, não esclarecem o entendimento da terminologia, remetendo-o a qualquer elemento ou atividade localizada em área rural. Contudo, na perspectiva de análise deste estudo, entende-se que as ruralidades não estariam relacionadas diretamente a atividades agrícolas, mas sim a características culturais ligadas aos modos de vida das pessoas que habitam o rural, aos modos de vida tradicionais do campo, que influenciam atitudes e comportamentos e que não necessariamente são encontrados apenas em nas áreas rurais. Já no que concerne as “novas ruralidades”, percebe-se tratar-se de um fenômeno de raiz urbana, que além de se utilizar das ruralidades, engloba diversos outros elementos e atividades, como forma de geração de renda em atividades direcionadas a um público urbano.

A análise proposta no presente estudo, da dinâmica espacial, social e cultural de pequenos municípios, está diretamente ligada a investigação da presença e permanência das ruralidades nesses locais. Dessa forma, a análise que segue, visa buscar o entendimento de como as ruralidades e as “novas ruralidades” são entendidas por diversos estudiosos e quais são as diferenças entre esses dois termos, que muitas vezes são utilizados como sinônimos.

Sob a perspectiva das “novas ruralidades” o espaço rural visto pela atual lógica de consumo urbano, freqüentemente remete-se ao sinônimo de natureza, ar puro, alimentos saudáveis, entre outros aspectos que simbolizam uma melhor qualidade de vida. Nesse contexto, de acordo com Biazzo (2008), nas últimas décadas tem se destacado uma nova percepção do campo, relativo a um modo de vida “alternativo” e ambientalmente sustentável, correspondente a um resgate da natureza pelos habitantes da cidade que se dirigem ao campo.

Com a busca dos habitantes da cidade pelo campo, este espaço passa a assumir “novas funções”, entre as quais destacam-se as atividades de lazer, como o turismo em área rural, segundas

residências e diversos tipos de serviços destinados ao público urbano. Segundo Candiotto e Corrêa (2008a), esse fenômeno é apresentado por Graziano da Silva como a “urbanização física do rural”, que refere-se a inserção de novas atividades no campo, sobretudo as não-agrícolas.

Graziano da Silva, Grossi e Campanhola (2002), ao discorrer sobre o Novo Rural, chamam a atenção para que a partir dos anos 1980 houve o surgimento de uma nova conformação do rural brasileiro, que já ocorria a muitos anos em países desenvolvidos. Segundo os autores, esse “novo rural” seria composto por três grandes grupos de atividades:

Uma agropecuária moderna, baseada em commodities e intimamente ligada às agroindústrias; Um conjunto de atividades não-agrícolas, ligadas à moradia, ao lazer e a várias atividades industriais e de prestação de serviços; Um conjunto de “novas” atividades agropecuárias, localizadas em nichos especiais de mercados (GRAZIANO DA SILVA; GROSSI; CAMPANHOLA, 2002, p. 39).

Os autores colocam o termo “novas” entre aspas, pois muitas dessas atividades são seculares no Brasil, porém até recentemente não tinham importância econômica. Chamadas de “atividades de fundo de quintal”, hobbies pessoais ou pequenos negócios agropecuários intensivos, foram transformados nas últimas décadas em importantes fontes de emprego e renda no meio rural. Esse processo de geração de “novas” atividades no meio rural brasileiro, nada mais é que a importação de outros países ou de atividades que não eram comerciais, isto é, possuíam um valor de uso, mas não um valor de troca. Conforme Graziano da Silva, Grossi e Campanhola (2002, p. 41), “o importante é que se criam novos espaços de reprodução do capital no meio rural brasileiro, muitas vezes revigorando regiões e atividades tradicionais que se mostravam decadentes”.

Todo esse processo descrito por Graziano da Silva, Grossi e Campanhola, é comumente referenciado como “novas ruralidades”, e tem representado um grande foco de interesse nas últimas décadas de diversos estudos na geografia, sociologia e outras ciências humanas. Porém, é necessário destacar que ao falar em ruralidades vistas sob o viés do “novo rural”, estas apenas estarão se referindo a atividades realizadas na área rural e em muitos casos, referenciadas a um viés urbano, devido ao incremento tecnológico, a modernização das atividades e ao público alvo e por isso denominadas de “novas ruralidades”.

Segundo Carneiro (1998), no Brasil as pesquisas apontam para dois conjuntos de fenômenos que ajudam a pensar na questão das ruralidades atuais: a pluriatividade e as crescentes formas de lazer e meios alternativos de vida no campo. Para a autora, é significativa a redução de pessoas ocupadas na agricultura e crescente o número de pessoas residentes no campo ocupadas em atividades não-agrícolas, além de uma crescente camada de pequenos agricultores que combinam a agricultura com outras fontes de rendimentos, esse fenômeno chamado de pluriatividade, representa uma reorientação da capacidade produtiva das pessoas residentes no campo. O segundo fenômeno, conforme Carneiro, inicia-se de forma tímida no Brasil na década de 1970 e encontra sua legitimidade na divulgação do pensamento ecológico, que tem como alguns de seus efeitos a ampliação das possibilidades de trabalho para a população do campo e a aproximação e integração a sistemas culturais distintos. “O campo passa a ser reconhecido como espaço de lazer ou mesmo como opção de residência” (CARNEIRO, 1998, p. 56).

Assim as “novas ruralidades” representariam um processo dinâmico de reestruturação dos elementos da cultura local com base na incorporação de novos valores, hábitos e técnicas. Desta forma o processo implicaria em duas direções, na re-apropriação da cultura local, ou na apropriação pela cultura urbana de bens culturais e naturais do mundo rural, o que de acordo com Carneiro (1998) não causaria destruição da cultura local, podendo contribuir para estreitar e reforçar os vínculos locais. Nesse sentido a autora chama a atenção para que:

[...] as transformações na comunidade rural provocadas pela intensificação das trocas com o mundo urbano (pessoais, simbólicas, materiais...) não resultam, necessariamente, na descaracterização de seu sistema social e cultural como os adeptos da abordagem adaptacionista interpretavam. Mudanças de hábitos, costumes, e mesmo de percepção de mundo, ocorrem de maneira irregular, com graus e conteúdos diversificados, segundo os interesses e a posição social dos atores, mas isso não implica uma ruptura decisiva no tempo nem no conjunto do sistema social (CARNEIRO, 1998, p. 58).

Para Carneiro (1998), atualmente não se pode entender a ruralidade somente a partir da penetração urbano industrial no rural tradicional, ela também deve ser entendida levando em conta o consumo da sociedade urbano-industrial de bens simbólicos e materiais e de práticas culturais reconhecidas como do mundo rural.

Portanto, é perceptível que dentro da noção de “novas ruralidades” encontram-se implícitos elementos da cultura urbana. Ao tratar dessa temática, Rua (2006), prefere referir-se a “urbanidades no rural” ao invés de falar em “novas ruralidades”, para que não se dê ênfase demasiada ao espaço rural sobre o urbano, e destaca:

As “urbanidades” decorrentes dessa interação, não serão apenas novas ruralidades, e sim, o urbano presente no campo, sem que cada espacialidade perca suas marcas. Logo o espaço híbrido que resulta dessas interações, não é um urbano ruralizado nem um rural urbanizado (RUA, 2006, p.95).

Candiotto e Corrêa (2008b), ao abordarem as ruralidades e urbanidades em seu estudo sobre circuito italiano de turismo rural, no município de Colombo, PR, destacam que de modo geral “as ruralidades seriam compostas por objetos e ações característicos do rural, e fariam parte da identidade da população de origem rural, enquanto as urbanidades corresponderiam a objetos e práticas de caráter urbano” (CANDIOTTO; CORRÊA, 2008b, p. 214).

Segundo esses autores existem diferentes interpretações para a temática das ruralidades. Há autores que identificam a “nova ruralidade”, uma tendência homogênea já manifestada em diversos países, e aqueles que destacam a existência de diversas ruralidades, heterogêneas que se manifestam em indivíduos e grupos sociais. A “nova ruralidade” no espaço rural europeu, traduzida por atividades como a agricultura, silvicultura, aquacultura e a pesca, atividades econômicas e de lazer (artesanato, serviços, indústrias) e reservas naturais e moradia, estão relacionadas a políticas públicas da União Européia, como PAC (Política Agrícola Comum) de 1992 e os Programas LEADER (Ligação Entre Ações de Desenvolvimento e Economia Rural) implantados a partir de 1994.

Nessa perspectiva, Candiotto e Corrêa (2008b), ao analisar os incentivos governamentais direcionados as “novas ruralidades” questionam, se a constituição dessas atividades seriam reflexo dos anseios da população rural transformados em políticas públicas ou se seriam projetos implementados de cima para baixo, visando modificar as relações produtivas, econômicas, sociais e ambientais no espaço rural.

Dessa forma, ao buscar referências para este estudo da manifestação das ruralidades em pequenos municípios, recorreu-se ao estudo de Candiotto e Corrêa (2008a) sobre as “Ruralidades, urbanidades e a tecnicização do rural no contexto do debate cidade-campo”, no qual os autores ao discorrer sobre o conceito de ruralidades apontam duas correntes de interpretação. Segundo a pesquisa, a primeira corrente vê a ruralidade como um processo de valorização do rural, a qual vem sendo disseminada por instituições globais através de financiamentos e políticas públicas. Essas instituições defendem o discurso da redução da pobreza e desigualdades sociais, porém segundo os autores está implícito nesse discurso a ampliação das relações capitalistas, através de novas atividades agrícolas e não agrícolas no espaço rural.

Nessa perspectiva, a nova ruralidade não é algo construído socialmente pela população rural, mas mais uma idéia imposta por organismos concentradores do poder, cristalizada no discurso, porém muitas vezes não concretizada, que passa a ser utilizada e propagada por diversos pesquisadores como novos aspectos da realidade do espaço rural (CANDIOTTO; CORRÊA, 2008a, p.232).

Já a segunda corrente aborda as ruralidades como realidade empírica, construída, sobretudo de forma endógena. “As ruralidades seriam compostas por objetos, ações e representações peculiares do rural, com destaque para as representações e identidades rurais dos indivíduos e grupos sociais” (MOREIRA, 2005, apud CANDIOTTO; CORRÊA, 2008a, p. 233).

Dessa forma, o que permitirá falar em ruralidades são as articulações entre as noções de rural e de identidade social, relações específicas dos habitantes do campo com a natureza e sua comunicação direta, face a face (MOREIRA; GAVIRIA, 2002).

Figueiredo (2003), ao realizar uma análise crítica sobre o turismo em “aldeias típicas” portuguesas, chama a atenção para que nesse país muitas áreas rurais passaram de espaços (im) produtivos de alimentos a espaços-reserva de qualidade ambiental, guardiões da natureza e das memórias do passado. Nesse contexto, segundo a autora “a forma mais significativa de perpetuar a ruralidade tem sido através do desenvolvimento de actividades de turismo, de recreio e de lazer nas áreas rurais, sobretudo consideradas mais tradicionais” (FIGUEIREDO, 2003, p. 65).

A autora ainda reforça que as transformações sofridas pelo rural estiveram longe de permitir que este se diluísse no urbano ou permitisse o surgimento de um espaço chamado por alguns autores de rurubano. As transformações das áreas rurais motivadas, sobretudo pela expansão da urbanização e da industrialização originaram movimentos a favor da preservação das áreas rurais. Dessa forma, a ruralidade deixa de ser vista como sinônimo de uma condição concreta de oposição ou marginalização relativa ao processo de modernização e passa a “sinônimo de uma noção que remete para a modernidade (ou para a pós-modernidade) vivida através da descoberta e valorização das diferenças, do autêntico e do genuíno (e.g. Joaquim, 1994)” (FIGUEIREDO, 2003, p. 68).

Dessa forma, “o turismo reforça a recriação da ruralidade, através da transformação das características (reais ou idealizadas) tradicionais das áreas rurais em amenidades, em bens comercializáveis e em produtos consumíveis” (FIGUEIREDO, 2003, p 76).

Pelas palavras de Figueiredo (2003), percebemos que em diversos casos a inserção de novas práticas, como o turismo, podem representar uma forma de revitalização e permanência das ruralidades através do estabelecimento das “novas ruralidades”. Contudo, ao realizar uma análise crítica sobre essa situação a autora chama a atenção para que ao mesmo tempo que o turismo pode promover o desenvolvimento rural, ele pode promover um “divórcio” entre as qualidades comercializáveis e os contextos históricos, sociais e econômicos, que correspondem a autenticidade local.

Se o turismo surge actualmente como uma estratégia de desenvolvimento para as áreas rurais despojadas, por assim dizer, da sua razão de ser – a agricultura – ele aparece igualmente ter efeitos perversos que consideramos importante debater. Um dos efeitos negativos mais importantes reside na recriação ou reinvenção da ruralidade para ser comercializada e consumida, com a consequente perda de autenticidade e de dinâmicas locais próprias (FIGUEIREDO, 2003, p. 77-78).

Essa percepção também é partilhada por Cavaco (2009), que coloca que a comercialização da natureza e da cultura podem levar a “espetacularização” e a “museificação” dos territórios, através da proteção da natureza e naturalização dos espaços, do patrimônio cultural e construído e do imaterial, com reinvenção de tradições para a animação turística. Para ela, o território como matéria-prima do turismo, pela criação de recursos e de produtos turísticos diversos, busca a notoriedade de diferenciação com emergência de novas identidades locais e novas expressões de autenticidade.

O turismo tende, contudo a favorecer a banalização da cultura e a criação de uma autenticidade teatral, em que se integram muitas ofertas de experiências rurais associadas à ruralidade tradicional e aos quotidianos da aldeia comunitária e dos seus habitantes (CAVACO, 2009, p. 60).

Esse entendimento do mundo rural como multifuncional, especialmente ligado as vertentes ambiental e cultural, na concepção de Figueiredo (2009), encontra-se ligado a consideração das áreas rurais como redutos de autenticidade e de identidade coletiva, que segundo a autora fazem “apelo muito mais a uma ruralidade que parece ser, a uma ruralidade recriada, reinventada e reconfigurada cada vez mais para turista ver” (FIGUEIREDO, 2009, p. 90).

Portanto, percebe-se que mesmo tendo uma forte ligação, as ruralidades e as “novas ruralidades” apresentam diferenciações, visto que as ruralidades referem-se mais a características internas de pequenas comunidades ligadas ao mundo rural e as “novas ruralidades” representam um fenômeno que visa um público externo. Nesse contexto, as “novas ruralidades” buscam explorar as ruralidades presentes em determinados locais como forma de gerar renda a uma determinada parcela da população envolvida com essas atividades e até mesmo promover o desenvolvimento local.

Contudo, mesmo as ruralidades estando relacionadas a identidade dos povos rurais, elas não se manifestam exclusivamente nestes espaços. Conforme Candiotti e Corrêa (2008a) além da população rural, a urbana também apresenta suas ruralidades, as quais são idealizadas pela mídia que vende o rural como sinônimo de natureza e vida mais saudável. Assim como a população rural possui urbanidades devido a incorporação dos valores urbanos, seja por meio da televisão ou da internet.

Nesse sentido, Biazzo (2007, p. 19), que acredita ser mais conveniente chamar campo e cidade de campestres e citadinos, ressalta que:

[...] em ambos espaços se manifestam identidades sociais que configuram ruralidades e urbanidades. Em paisagens do campo e das cidades (formas, conjuntos de objetos) existem urbanidades e ruralidade (conteúdos – heranças, origens, hábitos, relações, conjunto de ações) que se combinam, gerando novas territorialidades, admitindo-se que cada local ou região pode abrigar diferentes territorialidades superpostas, relativas a diferentes atores sociais.

Dessa forma, a partir do exposto percebe-se que tanto as ruralidades, quanto as urbanidades, podem estar presentes em qualquer espaço, pois referem-se a manifestações culturais, ligadas aos modos de vida, tradições, ocupações, ou seja, elementos característicos desses espaços que ocorrem não necessariamente apenas neles.

Contudo, as ruralidades abordadas no presente estudo referem-se a resquícios dos modos de vida do rural tradicional. Essas ruralidades são encontradas não só em áreas rurais como também no urbano de pequenos municípios, e se manifestam através de uma variada gama de objetos e ações que configuram toda a dinâmica espacial, social e cultural desses pequenos lugares, dando-lhes identidade e influenciando na organização de seus espaços.

## **A dinâmica espacial, social e cultural do pequeno município**

Embora de acordo com os critérios do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) todas sedes municipais (cidades) e sedes distritais (vilas) sejam definidas como urbanas, diversos pequenos municípios no interior do Brasil ainda encontram arraigadas em seu espaço características muito fortes do “mundo rural” mesmo em áreas urbanas.

Nesse sentido, entender como esses espaços se organizam e as influências que atuam nessas organizações torna-se o primeiro passo para pensar em estratégias de desenvolvimento para esses

locais. Analisando as peculiaridades encontradas em diversos pequenos municípios e as fortes influências que suas áreas urbanas sofrem de suas áreas rurais, organizou-se elementos para uma análise da Dinâmica espacial, social e cultural de pequenos municípios, a qual possibilita identificar a presença das ruralidades, para assim buscar bases para compreensão da organização desses espaços.

Tendo como base as cinco categorias (O exercício das funções propriamente urbanas; A intensidade do processo de urbanização; A presença do rural; O modo de vida dominante; A dinâmica da sociabilidade local) propostas por Wanderley (2009), para a identificação da existência de uma “trama rural” no espaço urbano de pequenos municípios de Pernambuco, acrescidas de outros elementos representativos da cultura e dos símbolos do mundo rural, sistematizou-se as informações e elementos a serem identificados a partir de quatro categorias. As quatro categorias que buscaram a identificação das manifestações das ruralidades em pequenos municípios foram: o processo de crescimento e as funções urbanas; a “dimensão” do rural; os modos de vida e as percepções locais; e as tradições e símbolos do rural.

Essas categorias levam em conta as seguintes características:

- O processo de crescimento e as funções urbanas: aborda informações referentes a funções da pequena cidade e como suas especializações estão voltadas para uma economia de base agropecuária. Como se dá a organização espacial dessas áreas, fruto do processo lento de crescimento urbano. A oferta e satisfação dos que ali vivem e circulam em relação as indústrias, comércio e serviços locais, refletidos nas oportunidades de empregos e dependência a cidades maiores.

- A “dimensão” do rural: percebida através de sua população, economia e pela presença de “qualidades rurais”. Os estudos populacionais nesse sentido visam analisar a evolução da população rural e urbana no passar dos anos, buscando verificar o peso da população rural no conjunto da população total do município, assim como a proporção de pessoas ocupadas em atividades agropecuárias e o peso dessas atividades na economia local. A presença das “qualidades rurais” refere-se a uma série de elementos ligados ao imaginário do rural, presentes na paisagem e na percepção que as pessoas têm do local.

- Os modos de vida e as percepções locais: percebidos através do “ritmo da vida” nas pequenas cidades e pela presença da uma forte socialização entre seus habitantes, refletido no valor dado a vida em comunidade, a religiosidade e os elos afetivos, presentes no sentimento de pertencimento dos habitantes para com o seu lugar. As percepções também revelam como os sujeitos locais e externos identificam e qualificam a pequena cidade e sua qualidade de vida.

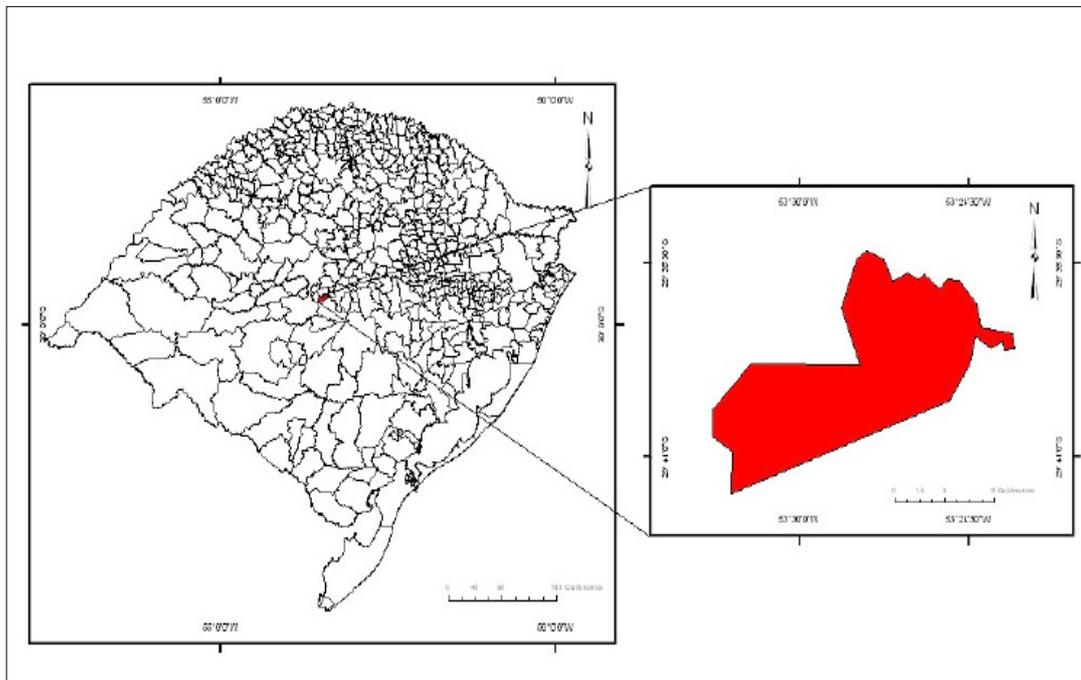
- As tradições e símbolos do rural: a forma como se manifestam as heranças históricas e culturais, que dão a identidade ao local e mantém viva a memória do lugar. As permanências das tradições reveladas tanto na forma concreta, através de símbolos impressos na paisagem local, como em suas representações cotidianas e eventuais, expressas nas festividades locais.

Para análise desta natureza no município de São João do Polêsine, apresentada de forma resumida neste artigo, foram realizadas coletas de dados quantitativos e qualitativos. Além da coleta de dados documentais nas mais variadas fontes de informações, foram realizadas diversas visitas ao município que objetivaram observações e outras formas de coleta de dados, destacando-se a realização de entrevistas com sujeitos locais e externos ao local. As entrevistas visaram o entendimento de como representantes da administração pública, religiosos, moradores do local e pessoas externas ao município percebiam este lugar. Dessa forma, as informações obtidas deram base para o entendimento da influência das ruralidades na dinâmica espacial, social e cultural do Município de São João do Polêsine.

### *O Município de São João do Polêsine, RS*

São João do Polêsine é um pequeno município localizado na porção central do estado do Rio Grande do Sul (Figura 1). Esse município colonizado por imigrantes e descendentes de imigrantes italianos faz parte da região da Quarta Colônia de Imigração Italiana.

**Figura 1** - Localização do Município de São João do Polêsine em relação ao Estado do Rio Grande do Sul.



Fonte: Michele Lindner.

A ocupação da área atualmente pertencente ao município de São João do Polêsine teve início em 1890 com a chegada das primeiras famílias de imigrantes reimigrados das colônias de Bento Gonçalves e Silveira Martins, segunda colônia e quarta colônia de imigração italiana do Rio Grande do Sul respectivamente.

Dessa forma, primeiramente conhecido como Terras de Manuel Py, a mudança do nome do local se deu devido as suas paisagens, localizada em uma planície entre vales e morros, o local chamou muita atenção dos imigrantes italianos que viram semelhança as planícies do Rio Pó ao norte da Itália. Dessa forma, por ser uma região similar ao Polêsine italiano os habitantes resolveram assim denominar o local e após a escolha do padroeiro São João, passou a chamar-se São João do Polêsine (RIGHI; BISOGNIN; TORRI, 2001).

O município de São João do Polêsine foi criado pela Lei Estadual Nº 9.601, de 20 de março de 1992, sendo constituído por dois distritos, um com o mesmo nome do município e o outro Vale Vêneto, ambos oriundos do município de Faxinal do Soturno. No ano de 2003 a Câmara Municipal cria mais um distrito o Recanto Maestro, com área desmembrada do distrito de Vale Vêneto, e assim São João do Polêsine passa a ter a configuração atual sendo formado por três distritos: a Sede, cidade de São João do Polêsine, o distrito de Vale Vêneto e o distrito de Recanto Maestro.

O município possui sua base econômica voltada ao setor primário, tendo na cultura do arroz irrigado o principal produto de sua economia, o qual condiciona toda a dinâmica municipal.

Habitado por um povo de tradição agrícola, esse município que possui uma população total de 2.635 habitantes (IBGE, 2010), no decorrer de sua história apresentou como característica a permanência da maior parte de sua população residindo na área rural e somente no ano de 2010, essa situação sofre transformações, passando a apresentar 51% da população residindo na área urbana do município.

Contudo, é possível perceber nesse local a forte permanência das tradições e da cultura de seus antepassados, imigrantes italianos vindos de uma Europa rural. Essas permanências se manifestam nos modos de vida de sua população e em suas festividades, as quais vêm dando cada vez mais um caráter turístico para o local, que busca recriar e externalizar suas tradições, como forma de mostrar sua identidade para os visitantes que buscam esses eventos.

### *O processo de crescimento e as funções urbanas no pequeno município*

O processo de crescimento urbano ocorre de formas diferenciadas de acordo com as especificidades dos locais onde esse processo se instaura. Nas pequenas cidades é possível perceber um processo mais lento, que obedece as dimensões, as necessidades e as potencialidades desses locais.

No município de São João do Polêsine, o processo de crescimento urbano propriamente dito se instaurou após a criação oficial do Município em 1º de janeiro de 1993. Passados cerca de 103 anos após a sua ocupação, com a constituição de uma sede urbana e administrativa própria, o processo de crescimento urbano no local pode ser impulsionado. Esse crescimento é ressaltado por um Vereador do Município, que chama a atenção para que após a emancipação, diversos estabelecimentos e serviços públicos foram instaurados e algumas empresas vieram para o local.

No entanto, percebe-se que o que ocorre no local, assim como em diversas outras pequenas cidades brasileiras, é que o ritmo do crescimento acompanha o ritmo local. A área urbana de São João do Polêsine é constituída por residências e um número reduzido de estabelecimentos administrativos, comerciais, industriais e de serviços. Tratam-se de estabelecimentos de pequeno porte e que atendem apenas as necessidades básicas locais. Muitos deles estão voltados para as especificidades municipais, ou seja, para a agricultura, como os descascadores de arroz, as agropecuárias e as pequenas agroindústrias localizadas na cidade.

A dimensão reduzida e a pequena especialização desses estabelecimentos fazem com que a população local necessite recorrer a centros maiores na busca de bens e serviços. Da mesma forma, a oferta de emprego no local é reduzida, havendo também a necessidade de se buscar fora uma colocação, principalmente em áreas mais especializadas. Nesse sentido, Wanderley (2009, p. 311) chama a atenção para que “as pequenas cidades, consideradas urbanas pelo IBGE, conhecem uma experiência urbana, que é, freqüentemente, frágil e precária”.

Portanto, o que se percebe é que a pequena cidade supre apenas as necessidades básicas de seus habitantes e volta-se para a sua especialização, no caso de São João do Polêsine, a agricultura. A busca das carências em cidades maiores faz com que não haja crescimento do comércio e serviços e a geração de novos empregos, o que leva a uma fuga da população jovem e a estagnação do crescimento urbano local.

### *A “dimensão” do rural no pequeno município*

A dimensão do rural em um pequeno município pode ser analisada através de diversos elementos, entre eles o estudo da evolução de sua população através do tempo. Através dos estudos populacionais torna-se possível ter uma idéia da dinâmica municipal, observando as mudanças ocorridas, para dessa forma, buscar explicações sobre os fenômenos em curso.

Historicamente o município de São João do Polêsine, manteve durante muitas décadas a permanência da maior parte de sua população residindo em área rural, conforme a tabela que segue.

**Tabela 1** - População rural e urbana do município de São João do Polêsine, RS

Ano	São João do Polêsine	Urbana		Rural	
		Pessoas	%	Pessoas	%
1970	Campo: Produção de alimentos.	718	22	2610	78
1980	Campo: Produção de alimentos.	522	19	2202	81
1991	Espaços com atividades Compostas/mistas - multifuncionalidade	913	35	1685	65
2000	Campo determina o ritmo das cidades.	1061	39	1684	61
2010	Gêneros de vida; Habitat; Região; Paisagem.	1354	51	1281	49

Fonte: Censos, 1970, 1980, 1991, 2000 e 2010 – IBGE.

Org.: Michele Lindner.

O que se percebe a partir dos dados apresentados na tabela, é a predominância da população residindo em área rural ao longo de quatro décadas. Contudo, percebe-se também que ao longo dessas décadas, essa população foi diminuindo gradativamente até chegar no ano de 2010 com a população urbana superando a rural. Porém, trata-se ainda de uma pequena diferença, cerca de 1%, ou 73 pessoas a mais vivendo na área urbana de São João do Polêsine.

No entanto, a superioridade numérica da população urbana sobre a rural, não diminui o destaque do rural no município, visto que, de acordo com informações prestadas por informantes da Prefeitura Municipal de São João do Polêsine, do total de habitantes ocupados no Município, uma faixa entre 65% a 70%, estão ocupados em atividades agropecuárias. Ainda de acordo com essas informações, diversas pessoas residentes e empregadas na área urbana, também exercem atividades agropecuárias no Município.

Também, conforme comentado anteriormente a base da economia municipal encontra-se assentada no setor primário. Segundo informações de um Vereador do Município a economia nesse local esta baseada no cultivo de arroz irrigado, o qual proporciona o maior retorno do ICMS (Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Prestações de Serviços) ao Município.

Além, da localização e ocupação dos habitantes do Município e da sua economia, outras características na cidade de São João do Polêsine nos remetem as “qualidades rurais”. Trata-se de um município onde a tranquilidade ainda é um elemento predominante. Essa tranquilidade de acordo com os habitantes do local refere-se a este ser um local de trânsito tranquilo, onde os trajetos no interior da cidade podem ser facilmente realizados a pé, onde não existe criminalidade acentuada, um local onde “ainda se pode dormir de janelas abertas” e se possui uma qualidade de vida semelhante a de vilas rurais.

Também na paisagem da cidade de São João do Polêsine encontram-se expressos outros elementos que nos remetem ao mundo rural, tratam-se de homenagens, materializadas através de monumentos que enfatizam a forte ligação do povo a esta área. Na paisagem da cidade encontram-se destacados o monumento dedicado a Nossa Senhora Salete, Padroeira dos Agricultores (Figura 2 - A), construído em 1967 para agradecer as colheitas. Este monumento além de demonstrar a religiosidade da população, também demonstra a grande ligação dos habitantes com o rural, ou seja, é uma representação das ruralidades materializada no ambiente urbano, assim como antiga Máquina a Vapor (Figura 2 - B). Localizada na avenida principal da cidade, a antiga Máquina a Vapor era utilizada para irrigar as lavouras de arroz, transformada em um monumento, representa um dos principais símbolos do local, demonstrando a vocação agrícola do município.

**Figura 2** - Monumento a Nossa Senhora Salete e Antiga Máquina a Vapor



Fonte: Pesquisa de Campo, 2009.

Contudo, o rural assume uma “dimensão” muito importante nesse pequeno município, assim como nessa pequena cidade, visto que a vida da população gira em torno dele. As ocupações da população, a base da economia, as crenças e as tradições, esse conjunto de elementos fazem com que os modos de vida nesse local convirjam para toda essa dinâmica, o que igualmente ocorre com a organização espacial do local, que passa a voltar-se para as funções do município.

#### *Os modos de vida e as percepções locais*

As pequenas cidades possuem um modo vida singular. Os contatos próximos entre os habitantes desses locais e a exaltação das qualidades do lugar pelos seus moradores, revelam os sentimentos de pertencimento, a visão do lugar como o Lar. Tuan (1980) denomina esse sentimento pelo termo de Topofilia, o qual refere-se ao elo afetivo entre as pessoas e o lugar.

Esse sentimento de Topofilia fica muito claro ao conversar com os habitantes de pequenos municípios, em especial os mais idosos, sobre o lugar onde vivem. No município de São João do Polésine, as manifestações topofílicas são identificadas na percepção dos seus moradores, que no geral consideram o seu lugar como um município “bom de se viver”. Essas manifestações são claramente perceptíveis nas entrevistas realizadas com os informantes, as quais buscaram obter dos mesmos a descrição do seu lugar. Destaca-se que os informantes ao caracterizarem o seu município demonstraram muita satisfação com relação a este, ressaltando características “concretas” do local e valorizando a qualidade de vida, traduzida pela tranquilidade e os valores tradicionais.

O orgulho do local em que vivem e trabalham é percebido claramente no discurso dos Informantes que ressaltam as belezas naturais e construídas do município. A satisfação para com o seu local é percebida nas palavras da Secretária de Educação do município que o destaca com um grande potencial, principalmente no que tange as atividades turísticas. Entretanto, mesmo salientando a sua concepção de que o município possui grande potencial, a entrevistada coloca que o desenvolvimento encontra-se “meio estagnado” e que ele ainda não encontrou o seu caminho. Também chama a atenção para a qualidade de vida que se tem no Município, o que é perceptível em suas palavras, quando a entrevistada faz a seguinte colocação: “[...] eu acredito que aqui é um lugar bom de se viver, não tem grandes diferenças, as carências não tem muitas em termos de vida socioeconômica, todos são mais ou menos, tem pobreza, mas extrema assim não existe”.

Contudo, as qualidades do município também foram ressaltadas por diversos entrevistados através da comparação com outros municípios, os quais os entrevistados residiram por um determinado período de suas vidas, seja por motivos de estudo ou trabalho. Outra característica marcante e fundamental para se entender como os habitantes desse lugar levam a sua vida,

refere-se à exaltação dos costumes e valores dos ancestrais que colonizaram a região onde se localiza o município de São João do Polêsine. Muitos deles consideram-se “italianos” e reproduzem diversos costumes que perduram a gerações. Esses costumes são percebidos na gastronomia, nas festividades, na religiosidade, na valorização da família e na prática e conservação dos dialetos trazidos pelos imigrantes italianos que colonizaram o local.

### *As tradições e símbolos do rural*

As heranças culturais podem ser consideradas as maiores riquezas para o conjunto de uma sociedade. Herdeiros culturais de um povo rural, os habitantes do município de São João do Polêsine, ainda mantém vivas no cotidiano da população residente no local, diversas tradições e costumes trazidos pelos imigrantes italianos que colonizaram a região da Quarta Colônia, a qual o Município faz parte.

As permanências das tradições no município de São João do Polêsine se manifestam em diversos elementos da vida cotidiana local, como na grande religiosidade da população, na vida em comunidade, no falar o dialeto, na gastronomia típica, enfim, nos costumes e valores dessa população.

Enquanto estruturas simbólicas as tradições expressam identidade. A identidade ligada as tradições dos imigrantes italianos é reconhecidas por Righi, Bisognin e Torri (2001). Esses autores chamam a atenção para as manifestações das permanências das tradições dos antepassados nas cerimônias religiosas, onde muitas vezes a língua italiana substitui a portuguesa, não só nas preces como também nos cânticos. O mesmo também ocorre nas reuniões sociais com canções cujas letras foram trazidas pelos imigrantes. Essas canções atravessaram gerações, passadas de pais para filhos, representando dessa forma, parte do patrimônio cultural imaterial desse lugar.

A memória de um lugar, impressa na paisagem, se dá através de diversos elementos simbólicos. Em São João do Polêsine esses elementos encontram-se simbolizados pelos casarões antigos, lembranças dos antepassados, pelas diversas igrejas e capelas, que demonstram a fé de um povo de origem e tradição católica e pelo museu de Vale Vêneto, que busca guardar através de objetos que pertenceram aos imigrantes italianos, a história da colonização e das origens da população local.

Outra referência de grande importância para a permanência da cultura e das tradições, são as festividades típicas do local. Estas representam um momento onde a comunidade busca externalizar suas tradições através de encenações e cenários preparados para receber os visitantes. Como manifestações simbólicas das tradições, as festividades representam um papel de fundamental importância em São João do Polêsine, pois são elas que reforçam os elementos da cultura de seu povo.

No Município, a preparação das festividades envolve uma série de elementos, que vão desde as programações religiosas, culturais, gastronômicas, até a preparação do cenário da festa. O cenário, busca representar a cultura local e as motivações festivas, como no caso do Festival de Internacional de Inverno da UFSM e Semana Cultural Italiana de Vale Vêneto, que mesclam motivações da cultura Italiana com elementos da música erudita (Figura 3), ou então a Festa Regional do Arroz, que além das tradições italianas, tem como motivação o produto que dá o nome a festa, o arroz.

**Figura 3** - Folders do Festival de Internacional de Inverno da UFSM e Semana Cultural Italiana de Vale Vêneto



Entre as características mais marcantes das festividades de São João do Polêsine, estão as motivações religiosas, pois a grande maioria delas possui fundo religioso e são organizadas pelas paróquias locais, e as temáticas do mundo rural, visto que, algumas delas são realizadas com o objetivo de agradecimento as colheitas. A gastronomia tradicional italiana é outro elemento importante nessas festividades e representa um grande símbolo da cultura local, colocada como um dos grandes atrativos das festividades e de toda a Região da Quarta Colônia.

Contudo, as tradições expressas nessas festividades são vistas por boa parte da população como atrativos turísticos para pessoas de municípios maiores. Todos esses elementos demonstram a importância dessas tradições, que fazem parte do cotidiano desse povo e demonstram a identidade cultural, desse município de colonização italiana e vocação agrícola.

### **Considerações finais**

A força da permanência dos costumes e valores do “mundo rural” é perceptível, embora não na totalidade, mas em diversos pequenos municípios brasileiros. Essas permanências influenciam os modos de vida dessas comunidades, que acabam organizando seus espaços de acordo com suas crenças e necessidades.

A partir da análise da dinâmica espacial, social e cultural de pequenos municípios, torna-se possível identificar como as ruralidades se manifestam nesses espaços e a força que o “rural” ainda tem nesses locais. As quatro categorias: Processo de crescimento e as funções urbanas: A “dimensão” do rural; Os modos de vida e as percepções locais; e As tradições e símbolos do rural, trazem a possibilidade de uma análise detalhada da interação entre o rural e o urbano em espaços determinados.

No caso apresentado no presente artigo a análise da dinâmica espacial, social e cultural do pequeno município de São João do Polêsine converge para uma estreita ligação com toda a

dinâmica do mundo rural. A base da economia assentada no setor primário, a maior parte dos habitantes do local ocupados em atividades agrícolas, as permanências das tradições de um povo rural e os modos de vida simples em uma cidade pacata, são características não apenas desse pequeno município analisado, como também de diversos outros pequenos municípios brasileiros.

Municípios estes que mesmo experienciando um processo de urbanização em curso, ainda encontram-se muito arraigados as suas raízes rurais, presos a uma economia de base agrícola e a uma mentalidade tradicional das suas populações, que condiciona os seus modos de vida e o crescimento urbano local. Portanto, são diversos os elementos que levam a um processo de crescimento urbano lento das pequenas cidades, sejam os aspectos já citados, seja uma localização geográfica desfavorável, uma administração pouco voltada para esse processo, como também a força das permanências das ruralidades nesses locais.

Essas ruralidades encontram-se implícitas e explícitas nos modos de vida das comunidades tradicionais de pequenas cidades, guiando seus valores e seus modos de vida. As permanências dessas características fazem com que estes espaços possuam singularidades dificilmente encontradas em grandes e médias cidades, o que passa a despertar a curiosidade dos habitantes desses locais. Dessa forma, as atividades turísticas envolvendo a cultura do mundo rural, vêm ganhando cada vez mais espaço e atraindo mais visitantes, que buscam vivenciar esse modo de vida tradicional.

No município de São João do Polêsine as festividades típicas representam os maiores atrativos do local. Festividades estas que fazem parte das tradições e da vida da comunidade que ali permanece e que vem representando cada vez mais um atrativo para pessoas das cidades maiores próximas e até de locais mais distantes.

Assim, percebe-se que as qualidades rurais ainda encontram-se presentes em toda a dinâmica de São João do Polêsine mesmo com as diversas transformações ocorridas nesse pequeno município após sua emancipação. Portanto, o rural nesse local ainda continua tendo um papel de grande destaque na vida municipal e na organização do espaço local, podendo este ser considerado um “município rural”.

## Referências bibliográficas

BIAZZO, Pedro Paulo. Campo e rural, cidade e urbano: distinções necessárias para uma perspectiva crítica em Geografia Agrária. In: MARAFON, Gláucio José; PESSÔA, Vera Lucia Salazar (Org.). **Interações Geográficas: a conexão interinstitucional de grupos de pesquisa**. 1. ed. Uberlândia: Roma, 2007. p. 10 - 22.

\_\_\_\_\_. Campo e rural, cidade e urbano: distinções necessárias para uma perspectiva crítica em geografia agrária. In: **Anais...** 4º Encontro Nacional de Grupos de Pesquisa (4º ENGRUP) – Agricultura, Desenvolvimento Regional e Transformações Sócio-Espaciais. São Paulo, 8 - 10 Set. 2008, p. 132 - 150. Disponível em: <[http://www.geografia.fflch.usp.br/inferior/laboratorios/agraria/Anais4%ENGRUP/trabalhos/biazzo\\_p\\_p.pdf](http://www.geografia.fflch.usp.br/inferior/laboratorios/agraria/Anais4%ENGRUP/trabalhos/biazzo_p_p.pdf)>. Acesso em: 08 dez. 2009.

CANDIOTTO, Luciano Zanetti Pessoa; CORRÊA, Walquíria Kruger. Ruralidades, urbanidades e a tecnicização do rural no contexto do debate cidade-campo. **Campo-Território: revista de geografia agrária**. Uberlândia, v.3, n. 5, p. 214 - 242, fev. 2008. Disponível em: <<http://www.campoterritorio.ig.ufu.br>>. Acesso em: 12 jun. 2008. (a).

\_\_\_\_\_. Ruralidades e Urbanidades no circuito italiano de turismo rural, município de Colombo, PR. In: MARAFON, Gláucio José; PESSÔA, Vera Lúcia Salazar. (Org.). **Agricultura, desenvolvimento e transformações socioespaciais: reflexões interinstitucionais e constituição de grupos de pesquisa no rural e no urbano**. 1. ed. Uberlândia: Assis Editora, 2008 (b). p 213 – 247.

CARNEIRO, Maria José. Ruralidades: novas identidades em construção. In: **Estudos Sociedade e Agricultura**, 11, outubro 1998. Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/brasil/cpda/estudos/onze/zeze11.htm>>. Acesso em: 28 maio 2011.

CAVACO, Carminda. Espaços rurais como espaços de vida: Mobilidades residenciais e novas formas de habitar. In: BAPTISTA, Fernando Oliveira; JACINTO, Rui; MENDES, Teresa (Coord.). **Os territórios de baixa densidade em tempos de mudança**. Proença-a-Nova: Edição Câmara Municipal de Proença-a-Nova / Centro de Ciência Viva da Floresta, 2009.

FIGUEIREDO, Elisabete. Quantas mais “aldeias típicas” conseguimos suportar? Algumas reflexões a propósito do turismo como instrumento de desenvolvimento local no meio rural. In: SIMÕES, Orlando; CRISTOVÃO, Artur (Org.). **TERN: Turismo em Espaços Rurais e Naturais**. Coimbra: Edições IPC/Inovar para Crescer – Instituto Politécnico de Coimbra, 2003.

\_\_\_\_\_. Ser rural ou parecer rural? Representações rurais e urbanas do ambiente, do desenvolvimento e da ruralidade. In: BAPTISTA, Fernando Oliveira; JACINTO, Rui; MENDES, Teresa (Coord.). **Os territórios de baixa densidade em tempos de mudança**. Proença-a-Nova: Edição Câmara Municipal de Proença-a-Nova / Centro de Ciência Viva da Floresta, 2009.

GRAZIANO DA SILVA, José; GROSSI, Mauro Del; CAMPANHOLA, Clayton. O que há de realmente novo no rural brasileiro. In: **Cadernos de Ciência e Tecnologia**. Brasília: Embrapa, v.19, n.1, p.37-67. Jan-Abr, 2002. Disponível em: <<http://webnotes.sct.embrapa.br/pdf/cct/v19/cc19n102.pdf>>. Acesso em: 6 maio 2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Primeiros resultados do Censo 2010**. Disponível em: <[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/populacao\\_por\\_municipio.shtm](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/populacao_por_municipio.shtm)>. Acesso em: 09 de fev. 2011.

MOREIRA, Roberto José; GAVIRIA, Margarita Rosa. Territorialidades, ruralidades e assimetrias de poder na Comunidade de Taquari. **Estudos Sociedade e Agricultura**: Revista semestral de ciências sociais aplicadas ao estudo do mundo rural. Rio de Janeiro, n. 18, p. 47 - 72, abril 2002. Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/brasil/cpda/estudos/dezoito/roberto18.htm>>. Acesso em: 11 jun. 2008.

RIGHI, José Vicente; BISOGNIN, Edir Lucia; TORRI, Valmor. **Povoadores da Quarta Colônia**: Contribuições do imigrante italiano na Quarta Colônia Imperial de Silveira Martins, Rio Grande do Sul – Brasil. Porto Alegre: Est Edições, 2001.

RUA, João. Urbanidades no Rural: o devir de novas territorialidades. **Campo-Território**: Revista de Geografia Agrária, Uberlândia, v. 1, n. 1, p. 82-106, fev. 2006. Disponível em: <<http://www.campoterritorio.ig.ufu.br/viewarticle.php?id=23>>. Acesso em: 08 dez. 2009.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1980.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. A emergência de uma nova ruralidade nas sociedades modernas avançadas - o “rural” como espaço singular e ator coletivo. **Estudos Sociedade e Agricultura**: Revista semestral de ciências sociais aplicadas ao estudo do mundo rural. Rio de Janeiro, n. 15, p. 87 - 145, out. 2000. Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/brasil/cpda/estudos/quinze/nazare15.htm>>. Acesso em: 08 dez 2009.

\_\_\_\_\_. **O Mundo Rural como um Espaço de Vida**: Reflexões sobre a propriedade da terra, agricultura familiar e ruralidade. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

**Correspondência:**

**Michele Lindner** - Rua Benjamin Constant, 1311, CEP-98700-000 Ijuí-RS

**E-mail:** michelindner@gmail.com

Recebido em 05 de março de 2012.

Revisado pelo autor em 02 de maio de 2012.

Aceito para publicação em 6 de junho de 2012.

